

1 Introdução

“Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si.”
Ruth Amossy

Os estudos culturais nos mostram que cada cultura é única, sendo cada uma delas estruturada por um conjunto de elementos que determinam as formas de ver o mundo dos indivíduos que a compõem. Segundo Woodward (2008, p.41), “cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo.” E é por meio da construção de sistemas de classificação, afirma a autora, que a cultura cria meios para dar sentido ao mundo social e para construir seus significados que, então, serão partilhados por seus membros. Esse arcabouço cultural será sempre o orientador da construção dos valores e dos comportamentos de cada grupo social. A construção da identidade de cada cultura é, assim, uma criação do homem, que brota do contexto de suas inter-relações (SILVA, 2008). Essas identidades (de grupos ou pessoais), segundo este autor, são formadas por meio “de atos de criação linguística” (idem, p.76) que, embora não as determinem, as nomeiam, as significam.

Essa ‘criação’ é feita através da *inter-ação* entre os membros de todo grupo social, por meio de uma linguagem que, conseqüentemente, será específica de cada um desses grupos, entendendo por linguagem não só a língua, mas todos os recursos utilizados para a realização das interações comunicativas. Dessa forma, o uso da linguagem, ao mesmo tempo, constrói e reflete a cultura de seus falantes, ou seja, seus hábitos, seus valores, enfim, sua forma de estar e atuar no mundo. Cultura e linguagem (não só língua) são interdependentes e, a um só tempo, alimentam e consomem uma a outra.

Essas afirmações nos permitem entender que as diferenças entre as línguas vão muito além dos limites estruturais. A visão de mundo que cada uma delas traz em si é revelada pelas ações que são praticadas por meio do seu uso, pois usar a linguagem é atuar socialmente, ou seja, é *interagir*.

Portanto, o estudo das ações sociais realizadas pela da linguagem, dentro de determinada cultura, torna-se indispensável para a compreensão das formas de interagir dentro da mesma. A aquisição de uma língua estrangeira impõe ao seu aprendiz a aquisição não só de seu vocabulário e de sua gramática, mas também da capacidade de

usá-la adequadamente, o que significa entender como seus falantes nativos veem o mundo, compreender suas ideias, seus costumes, seus comportamentos para, então, poder atuar de acordo com os padrões esperados, ou, no mínimo, ter consciência dos mesmos.

Essas diferenças entre visões de mundo e formas de agir por meio da linguagem fazem com que falantes oriundos de culturas diversas, em situações de contato, possam entrar em conflito quanto às suas expectativas interacionais. Esses conflitos ocorrem, em parte, devido aos diferentes sistemas de valores que cada cultura atribui aos atos de fala, valores estes que, se transferidos das respectivas línguas maternas para uma segunda língua de interação, podem causar equívocos de realizações e/ou interpretações para os falantes. Segundo Wolfson (1990), as regras que regulam os comportamentos dos indivíduos, nas diferentes culturas, são adquiridas, ao longo da vida, de forma não consciente, fazendo com que as expectativas sobre os mesmos também o sejam. Por essa razão, a autora conclui que a quebra de qualquer dessas regras pode ser percebida por um falante nativo apenas como ruptura de norma e, assim, pode ser interpretada como uma ofensa e não como reflexo do desconhecimento do padrão de comportamento por parte de um falante não nativo.

É dentro desse universo de formas de ação por meio da linguagem que vamos situar nossa pesquisa, e é essa visão pragmática, que considera a linguagem não apenas como uma forma de expressão, mas também de ação entre dois ou mais falantes, que vamos adotar como principal referência teórica em nossa investigação.

Visamos explorar um ponto que consideramos sensível nas interações comunicativas de todas as culturas (ou de praticamente todas). Trata-se de um ato de fala, caracterizado como segunda parte do par adjacente *elogio/resposta a elogio*, o qual supomos requerer um grau elevado de competência linguística e pragmática para sua realização: a resposta a elogio.

Sabe-se que o elogio, assim com a crítica, representa uma avaliação do *Outro* sobre nós o que, em última instância, reforça ou contraria aquilo que avaliamos de nós mesmos. Segundo Holmes (1996), trata-se de um ato de fala positivo, geralmente, usado para expressar amizade e aumentar a relação de solidariedade entre as pessoas. Entretanto, segundo a autora, o comportamento acerca deste ato de fala, assim como das respostas relativas ao mesmo, pode variar de uma cultura para outra. Esses diferentes valores sociais que lhes são atribuídos, quando despercebidos dentro do caráter comum de um ato de fala presente em diversas culturas, podem oferecer riscos de mal-entendidos e de

atitudes consideradas socialmente inadequadas para as pessoas que interagem em contextos multiculturais. Para a realização do elogio, são necessários, no mínimo, dois interlocutores, ou seja, um *elogiador* e um *elogiado*, e é justamente na figura deste último que vamos centralizar o foco de nossa pesquisa. Entendemos que, assim como os elogios, as respostas aos mesmos podem ocorrer de diversas formas, como representação de reações variadas, e que estas têm, igualmente, sua adequação condicionada ao conhecimento de normas específicas de cada cultura. Esses dois atos de fala – elogio e resposta a elogio - têm recebido muita atenção por parte de pesquisadores de diversas áreas da pragmática e da antropologia cultural interessados em estudos sobre comunicação intercultural/cruzamento de culturas, mas considera-se que o trabalho pioneiro, sobretudo no que diz respeito às respostas, foi apresentado por Pomerantz (1978, apud CHENG, 2003) conforme veremos adiante.

Neste trabalho, buscamos verificar, fundamentalmente, alguns dos principais padrões de polidez que orientam a conduta dos falantes de português brasileiro, especificamente do Rio de Janeiro, no momento de reagir aos elogios que consideramos mais comuns nas interações do dia a dia. Devido ao reduzido número de trabalhos sobre o assunto, acreditamos ser necessário, primeiramente, buscar entender como se estrutura o modelo canônico do comportamento dos falantes nativos cariocas diante desse ato de fala. Consideramos que a identificação e a análise das normas que regulam essas reações devam ser os primeiros passos na direção de uma compreensão mais abrangente da nossa identidade sociocultural que poderá emergir a partir dos desdobramentos que esse tema permite e requer. Assim, sem a pretensão de esgotar o total de pontos que a matéria apresenta, visamos colaborar com os trabalhos voltados para o ensino de português para estrangeiros, no que se refere a um aspecto tão importante da linguagem humana, mas ainda pouco explorado no meio acadêmico e, conseqüentemente, pouco conhecido: o elogio.

.

1.1

Justificativa

Sabe-se que, em toda comunidade de fala, além de ser preciso saber o que dizer, é preciso também saber a quem dizer e sob que condições. Como as interações ocorrem

dentro de diferentes ambientes sócio-culturais e cada um deles é formado por um conjunto próprio de normas que regulam suas ações, torna-se necessário que todo falante conheça as regras do ambiente em que deseja atuar.

Acreditamos que só há condição de interação satisfatória, quando os falantes conhecem os códigos que governam o uso da língua que está sendo usada. Do contrário, poderá ocorrer uma série de mal-entendidos e constrangimentos gerados pela quebra de expectativas de ambos os lados. Se tal afirmação é válida para falantes de uma mesma cultura, fica fácil entender por que se torna tão necessário a um estrangeiro ir além do aprendizado da gramática de sua língua alvo. De acordo com Thomas, (1983, apud SCHEEREN, 2006) existem dois tipos de erros pragmáticos que podem ocorrer em relações interculturais: o pragmalinguístico, que constitui uma inadequação linguística na elocução por transferência de formas e significados que um falante não nativo faz de sua língua para uma segunda para realizar ou compreender um ato de fala; e o sociopragmático, que ocorre quando um falante não nativo avalia uma situação pragmática com base nas normas pragmáticas de sua própria cultura, e usa essas normas para a realização de um ato de fala. Segundo a autora, erros gramaticais são facilmente identificáveis pelo ouvinte, mas um erro sociopragmático pode não ser facilmente detectado, visto que, como mencionamos anteriormente, viola regras não conscientes. Assim, um falante nativo, ao interagir com um falante não nativo fluente, pode atribuir um erro/inadequação a sua conduta e não a sua falta de conhecimento, recebendo-o como uma falta grave.

Considerando as respostas a elogios (doravante RE) um aspecto complexo das interações verbais, com regras que regulam variadas possibilidades de manifestação vinculadas a diferentes padrões de comportamento de fala específicos de cada cultura (HOLMES, 1996), supomos que as mesmas demandam uma série de conhecimentos para seu uso de forma competente. Acreditamos que as possíveis reações, além de variarem de uma cultura para outra, podem variar dentro de uma mesma cultura, dependendo de questões como gênero ou distância social, por exemplo. Sendo assim, entendemos que este ato de fala requer uma descrição e uma análise mais atenta de sua constituição, não só das suas formas linguísticas, como das normas de polidez que regulam seus usos. Essa afirmação pode ser confirmada pela grande quantidade de estudos existente sobre o mesmo, relativos a diversas línguas e a diversas culturas, conforme veremos mais a diante. Apesar disso, poucos são os trabalhos sobre este tema

encontrados na descrição do português do Brasil (doravante PB), o que justifica o nosso interesse sobre o assunto.

Em seus estudos, Pommerantz (1978, apud WANG, 2003) observou que as respostas representam o lugar da resolução dos conflitos da conversação. Em qualquer troca comunicativa, afirma, a segunda parte preferida buscará apresentar um acordo com o enunciado anterior. No caso dos elogios, há, assim, uma pressão sobre o destinatário do mesmo para concordar com o elogiador e aceitar o elogio. Por outro lado, há uma forte pressão para que os falantes evitem ou minimizem o autoelogio. Dessa forma, considera a autora que responder a um elogio é um dilema para os falantes, pois é preciso balancear dois princípios conversacionais: concordar com o coparticipante e evitar o autoelogio (POMERANTZ, apud LORENZO-DUS, 2001). Como o elogio, geralmente, possui uma avaliação positiva, a reação natural esperada é de aceitação e de concordância, mas como é possível concordar com o mesmo e evitar o autoelogio? A autora apresenta, então, quatro possibilidades de reação que podem ocorrer como respostas a esse ato de fala: a aceitação, a concordância, a rejeição e a discordância. Essas reações, entretanto, devem responder a um padrão comportamental que é, por sua vez, culturalmente determinado, o que oferece riscos para encontros multiculturais em que os falantes não têm informações sobre possíveis diferenças das posturas adotadas, nos variados contextos em que os elogios podem ocorrer (idem).

Trata-se, portanto, de um aspecto muito rico da linguagem humana, que abrange questões delicadas de diversas áreas, tanto relativas aos alvos dos elogios quanto às relações entre elogiador e elogiado e/ou aos contextos em que os mesmos podem (ou não podem) ocorrer. Devido a essa grande variedade de condições de ocorrência dos elogios e suas respectivas RE, limitamos nosso estudo à identificação e à descrição das duas principais possibilidades de reações a elogios – aceitação e rejeição - referentes às seguintes categorias: aparência exterior; habilidades pessoais - como a competência profissional e eloquência; característica da personalidade (simpatia) e posse. A decisão de apontar apenas duas possibilidades de reação a elogios, diferentemente de Pomerantz, que aponta ainda a concordância e a discordância, se deveu ao fato de considerarmos que estas últimas podem ser incluídas como uma das formas das possibilidades de aceitação e de rejeição, respectivamente.

Conforme mencionamos, julgamos necessária esta pesquisa, por considerarmos a situação de elogio um importante aspecto das relações comunicativas, passível de causar grandes constrangimentos em interações interculturais, pois, apesar de os objetivos

fundamentais dos elogios e de suas respostas apontarem, teoricamente, para uma condição de harmonia conversacional, devido ao seu caráter positivo, podem seguir o caminho oposto, se não forem realizados de acordo com as normas que os regulam. Apesar desse importante papel no cenário das relações interacionais, as RE, assim como os elogios, têm sido muito pouco exploradas em pesquisas voltadas para os estudos do comportamento sociolinguístico do português do Brasil, o que reitera a justificativa da nossa pesquisa.

1.2 Referencial teórico

Usaremos, neste trabalho, alguns conceitos da Pragmática, partindo da teoria dos Atos de Fala desenvolvida inicialmente por Austin (1990) e posteriormente por Searle (1969), passando pelos estudos de Grice (1975, apud MARTINS, 2002), sobre o princípio da cooperação; pela Sociolinguística Interacional, através dos estudos de Gumperz (2003, 1982^a, apud OLIVEIRA 2002) sobre as relações entre cultura, sociedade e indivíduo, considerados pelo autor como os três pilares da competência comunicativa; pelas contribuições de Goffman (1967, apud OLIVEIRA 2002) e de Brown & Levinson(1987) relativas ao trabalho de elaboração de face na interação; assim como pelas contribuições destes últimos e de Leech (1983, apud WILSON, 2008) referentes às teorias da Polidez. Da Antropologia Cultural, partiremos do conceito geral de cultura (LARAIA, 2001), assim como os de culturas objetiva e subjetiva (BENNETT, 1998), que tratam do modo como as sociedades organizam a vida social, ou seja, o modo de pensar, de tecer considerações a respeito do mundo biossocial em que os indivíduos que as compõem estão inseridos. Buscaremos, por fim, informações sobre o vínculo entre a produção de atos de fala e o contexto sócio-cultural em que eles ocorrem nos trabalhos de DaMatta (2004) e Hollanda (2002)

Consideramos que, com esse referencial teórico interdisciplinar, a identificação e análise das regras de polidez que orientam os usos das RE no português do Brasil podem ser feitas de forma satisfatória, permitindo, assim, o alcance de nossos objetivos, os quais detalharemos a seguir.

1.3 Objetivos

Tendo como meta fundamental desta pesquisa a contribuição com os estudos de português como segunda língua e/ou língua estrangeira, a fim de, cada vez mais, poder garantir ao aluno estrangeiro segurança para interagir socialmente dentro de nossa cultura mostramos, a seguir, nossos objetivos no que se referem especificamente às RE.

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é identificar e compreender como uma parte da sociedade brasileira, mais especificamente, os cariocas reagem ao ato de fala elogio, em situações do dia-a-dia - segundo as categorias aceitação e rejeição, através da análise das escolhas feitas pelos participantes desta pesquisa para responder a um conjunto específico de elogios.

1.3.2 Objetivos específicos

Dentro da delimitação apresentada acima, buscamos:

- a) Identificar o padrão de comportamento sociolinguístico dos falantes da cidade do Rio de Janeiro para responder a elogios;
- b) Levantar as principais estratégias de polidez que orientam as escolhas dos falantes para as formas mais e menos adequadas para reagir aos elogios;
- c) Buscar aspectos sócio-culturais que justifiquem a preferência e a evitação das formas de RE;
- d) Investigar se condições como sexo, distância social e contextos (mais ou menos formal) determinam as escolhas das formas utilizadas para as situações hipotéticas;
- e) Confrontar se as formas idealizadas correspondem às de uso real.

Consideramos que esses objetivos escolhidos sejam bons caminhos para o percurso da investigação das nossas hipóteses sobre as formas de RE do carioca/brasileiro.

1.4 Hipóteses

Dentro das inúmeras possibilidades que a investigação sobre as RE em Português do Brasil permite, baseamo- nos nas seguintes hipóteses:

- a) A possibilidade da existência de um repertório idealizado de RE, na mente dos falantes nativos, que os auxilia na avaliação de uma resposta como ideal ou evitável, mas que nem sempre coincide com as formas de uso em situação real.
- b) A rejeição com autodesmerecimento é a principal forma de o carioca reagir a elogios, devido à orientação da cultura brasileira para a máxima da modéstia (LEECH, 1983, apud WILSON, 2008);
- c) A escolha das reações e das formas linguísticas para responder a elogios pode estar ligada a interferências de fatores sociais como sexo, distanciamento social e contextos situacionais (mais formais ou menos formais);
- d) O tópico do elogio pode ser um aspecto decisivo na avaliação das melhores e das piores posturas a serem adotadas nas respostas aos mesmos;
- e) Os padrões de comportamento sociolinguístico podem variar de acordo com o sexo do falante;
- f) As mulheres cariocas são mais expressivas do que os homens e devem preferir estruturas mais marcadas para responder a elogios.

Com objetivos e hipóteses definidos, buscamos uma metodologia para o encaminhamento da pesquisa, a qual apresentamos a seguir.

1.5 Metodologia

Para analisarmos os dados da presente pesquisa, utilizamos uma metodologia de natureza qualitativa. A coleta de dados foi dividida em duas partes, sendo a primeira feita por meio de um questionário com situações de elogios e um conjunto de respostas

para cada um, dentre as quais os informantes devem escolher as que consideram as mais e as menos adequadas para reagir. A cada situação apresentada, há uma série de respostas representando as possibilidades de: aceitação e rejeição dos elogios, além de um espaço para o informante acrescentar respostas pessoais. O questionário (cf. Anexo 1) conta com 11 perguntas e foi respondido por 20 (vinte) falantes de português do Rio de Janeiro, os quais foram divididos em dois grupos de 10 (dez) mulheres e 10 (dez) homens com idades entre 20 (vinte) e 55 (cinquenta e cinco anos), representando o perfil adulto da população.

Na segunda parte da pesquisa, foram elaboradas dez (10) gravações de elogios - dentro da categoria *posse* - sobre um objeto de uso pessoal dos informantes, que foram agrupados de acordo com o sexo e o grau de proximidade do elogiador. Dessa forma, os mesmos foram divididos em dois grupos de dois tipos cada um: o primeiro, subdivido por sexo, composto de pessoas desconhecidas do elogiador, escolhidas em locais de atendimento ao público; e o segundo, também subdivido por sexo, composto de pessoas próximas do elogiador. As gravações foram feitas entre setembro e outubro de 2009, sem o conhecimento prévio dos participantes, que, posteriormente, foram avisados e solicitados a fornecer as respectivas autorizações para o uso das informações na pesquisa. Objetivamos, com essa metodologia, confrontar essas respostas com as dos questionários, a fim de observar se as formas de RE usadas em contextos reais correspondem às formas idealizadas, respondidas com a censura que naturalmente se impõe quando um informante sabe que sua fala está sendo avaliada.

O detalhamento da metodologia, como a constituição e aplicação dos questionários e o perfil dos informantes, será apresentado em capítulo separado, como veremos adiante.

O intuito de fazer uma análise do padrão do comportamento sociolinguístico dos falantes cariocas para reagir a elogios se insere num objetivo maior, que é colaborar para a ampliação do conhecimento dos aspectos que nos constituem como uma cultura única, visando, cada vez mais, melhorar nossa capacidade de orientação do aprendiz de PL2E.

1.6

Organização do trabalho

Diante do exposto, pode-se resumir a organização do presente trabalho da seguinte forma: além da presente introdução, no Capítulo 2, apresentamos a fundamentação teórica que embasa nossa análise de dados, assim como a metodologia usada para a coleta dos mesmos. No Capítulo 3, apresentamos nossa análise de dados e, no Capítulo 4, as conclusões geradas pela mesma. Finalmente, nos Capítulos 5 e 6, encontram-se a bibliografia consultada e a íntegra do nosso corpus de análise, respectivamente.